

CÍRCULOS DE LEITURA

uma
estratégia
para a
formação
do leitor
literário

Ivone Rosa Ferreira de Sá
Raquel Aparecida Soares Reis Franco



Círculos de leitura:
uma estratégia para a formação
do leitor literário

Ivone Rosa Ferreira de Sá
Raquel Aparecida Soares Reis Franco

Ouro Branco, 2023

“[...] não há como ter certeza do que vai acontecer na cabeça dos leitores após lerem um livro.”
(DANTAS, 2021, p. 53)

Projeto Editorial: PARIMPAR e Pimpa Estúdio (eBook)
Capa (concepção): Geraldine E. B. (Gerar)
Revisão: PARIMPAR

Catálogo da Publicação (CIP)
Ficha catalográfica elaborada pela Editora Parimpar

D32c de Sá, Ivone Rosa Ferreira; Franco, Raquel
Aparecida Soares Reis

Círculos de leitura: uma estratégia para a formação do leitor literário/Ivone Rosa Ferreira de Sá e Raquel Aparecida Soares Reis Franco. Belo Horizonte [MG]: PARIMPAR, 2023.

18,2 MB ePUB.

ISBN 978-65-00-62432-8

1. Educação. 2. Leitura. 3. Letramento Literário.
4. Círculo de leitura. I. Autores. II. Título

CDD: 372.4

CDU: 37.025

Todos os Direitos Autorais estão protegidos por *Creative Common* (CC). Assim, esta obra pode ser reproduzida, copiada e disseminada gratuitamente, desde que as autoras sejam devidamente referenciadas. É proibida a venda e qualquer alteração no conteúdo original sem a autorização dos autores.



SUMÁRIO

UMA BREVE FALA SOBRE LEITURA,
LITERATURA E LETRAMENTO LITERÁRIO.13

CÍRCULOS DE LEITURA: EFETIVAÇÃO DO
LETRAMENTO LITERÁRIO NA ESCOLA..... 25

COMO APLICAR OS CÍRCULOS DE LEITURA
NA ESCOLA? 37

PROPOSTA METODOLÓGICA DE CÍRCULOS
DE LEITURA PARA ALUNOS DAS SÉRIES
FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL (8º e 9º
anos) E MÉDIO (1ª a 3ª série).....44

Quadro Esquemático das Aulas 46

Anexo 01: Proposta para o
encontro do leitor com a obra... 60

Anexo 02: Ficha para que o aluno
faça a escolha das obras61

Anexo 03: Modelo de um contrato
de convivência 62

Anexo 04: Cronograma dos
encontros dos grupos de leitura.64

Anexo 05: Funções nos grupos .	64
Anexo 06: Agenda de encontros do grupo	65
Anexo 07: Avaliação: participação no grupo.....	66
PROPOSTA DE CÍRCULOS DE LEITURA COM O CONTO MACHADIANO O ESPELHO	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
PARA SABER MAIS.....	101
Livros.....	102
Artigo.....	114
Vídeo	114
REFERÊNCIAS.....	115
SOBRE AS AUTORAS.....	126

PREFÁCIO

O refazer e repetir tarefas parecem inerentes à condição humana e é quase impossível não inscrever aí os trabalhos dos educadores ao longo de suas carreiras. Por sorte, a cada regularidade inclui-se algo de novo entre as subjetividades e já não estamos mais exatamente entre repetições, mas em pequenas revoluções. Repensar a leitura literária na escola através das lentes do letramento é também abrir-se a novos encontros que podem ressignificar os valores que atribuímos ao literário e sua natureza.

Neste Guia, a sistematização dos círculos de leitura é contribuição bem-vinda às pequenas revoluções que podemos experimentar em nossas escolas. Não custa lembrar, escolas são espaços contraditórios, atravessados por diferentes discursos. Às vezes, grávidos de expectativas, outras, programáticos, quando não autoritários,

sobre o que deveria ser essa instituição, sobre o que ela deve tratar e sobre o que ela deve calar.

Essas contradições destacam a importância em refletir sobre a noção de letramento ideológico. E aí ressoam alguns valores centrais para a educação, entre os quais a busca pela autonomia e pela liberdade na leitura do mundo preconizada na pedagogia freireana.

Ao implicar a colaboração entre pares, a proposta dos círculos de leitura também relembra em Dewey o desafio diuturno aos professores: garantir a suficiência e a adequação das condições para que os alunos vivam as experiências e, nesse processo, não só desenvolvam, mas também tomem para si os valores da cultura.

Passados mais de trinta anos do ensaio de Antonio Candido, é preciso disposição constante para assumir a literatura como um direito de todos em

nossa humanização pela cultura e pelo universo fabulado. Na contraface desse direito, reside um dever de todos nós, professores e alunos, em aprimorar nossa convivência pelo respeito aos valores democráticos, iluminados pelas grandes questões suscitadas pela literatura.

Finalmente, o Guia elaborado pelas Autoras contribui tanto para o planejamento e execução dos círculos de leitura quanto para nossa formação continuada. À apresentação criteriosa da metodologia, seguem-se indicações de leitura que revisitam títulos relativos ao letramento e ao ensino de literatura. Aos títulos já tornados clássicos no campo, reúnem-se obras bem mais recentes que, certamente, vale a pena explorar.

Aurélio Takao Vieira Kubo

APRESENTAÇÃO

Este Guia é o Produto Educacional apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – *campus* Ouro Branco, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica. Embora seja um Guia, ele não é um documento prescritivo ou instrucional que exige que o professor proceda de uma determinada maneira para realizar uma tarefa e que cumpra as instruções explicitadas. Entretanto, este material tem por objetivo auxiliar todos os professores e futuros docentes, em especial os de língua portuguesa que atuam nos anos finais do ensino fundamental (8^o e 9^o) e no ensino médio integrado (1^a a 3^a série), a fortalecer a comunidade de leitores na escola por meio dos círculos de leitura. Partimos do pressuposto de que a escola é um espaço de formação de leitores, e “sem o leitor, o texto é mudo. [...]” (DURÃO; CECHINEL, 2022, p. 13).

Neste livro, você encontrará uma proposta metodológica que pode ser adaptada para trabalhar com a formação do leitor literário em sala de aula. A proposta foi baseada nos círculos de leitura de Cosson (2020; 2021) que define círculo como “uma atividade pedagógica privilegiada para incentivar, desenvolver e consolidar diversas práticas de leitura e de socialização que são fundamentais tanto na formação do leitor quanto na educação integral do aluno.” (COSSON, 2021, p. 25)

Entendemos que o Guia poderá ainda orientar e inspirar aqueles que desejam trabalhar com círculo de leitura e não estão em sala de aula. Ressaltamos que este material foi pensado para trabalhar com círculos de leitura na escola, sendo importante que o professor personalize os círculos conforme o perfil da instituição escolar, da turma e dos projetos. Como complemento, indicamos títulos de livros, artigo e link de vídeo que contém informações relacionados aos círculos de leitura.

Esperamos que este livro contribua para existir reconhecimento do aspecto formativo que os círculos de leitura podem proporcionar na vida dos nossos estudantes.

Ivone Rosa Ferreira de Sá

Raquel Aparecida Soares Reis Franco

UMA BREVE FALA SOBRE LEITURA, LITERATURA E LETRAMENTO LITERÁRIO



Antes de iniciarmos sobre a metodologia dos círculos de leitura, consideramos importante trazer conceitos de leitura, literatura e letramento literário para um melhor entendimento da proposta de atividade que iremos apresentar.

A leitura é o nosso direito; é uma forma de resistência; é um patrimônio, sem falar no prazer que proporciona ao leitor. Por isso,




ninguém tem que ser obrigado a ler nada. Ler é um direito de cada cidadão, não é um dever. É alimento de espírito. Igualzinho a comida. Todo mundo precisa, todo mundo deve ter a sua disposição – de boa qualidade, variada, em quantidades que saciem a fome. (MACHADO, 2002, p. 15).


Partindo desse entendimento, compreendemos que a escola é um desses espaços que pode propiciar a formação de leitores e ademais, consolidar diversas competências relacionadas à leitura. Nesse sentido, compete à escola dar condições para que o indivíduo amplie os sentidos de leitura, de maneira individual, mas, ao mesmo tempo entendendo que faz parte de uma coletividade (COSSON, 2021a). Por isso, a importância da formação literária do indivíduo desde cedo, pois, a partir do momento que o aluno aprende a gostar da leitura, cria-se um hábito prazeroso, e, com isso, novos conhecimentos são aprendidos e o senso crítico é desenvolvido por toda a vida.

Candido (2004) declara que a literatura é necessária, porque por meio de suas várias manifestações, ela impõe-se como testemunho sensível e cabal de nossa humanidade em contínua formação. Assim, ensinar a língua e a literatura é compromisso da escola, pois “o saber

é objeto específico do trabalho escolar” (SAVIANI, 2011, p. 8) e não pode ser negado ao ser humano. Porém, o que observamos é que esse direito à leitura literária tem sido negado pelos currículos escolares. Isso ocorre quando esses não oportunizam ao discente acessarem às obras literárias. Também, quando os currículos não indicam a necessidade de criação de espaços de compartilhamento de leituras, não possibilitam a ampliação do repertório literário e não oferecem atividades sistematizadas e contínuas direcionadas para o desenvolvimento da competência literária. (PAULINO; COSSON, 2014)

 O que é literatura? É uma pergunta complicada justamente porque tem várias respostas. E não se trata de respostas que vão se aproximando cada vez mais de uma grande verdade, da verdade-verdadeira. Cada tempo e, dentro de cada tempo, cada grupo social tem sua resposta, sua definição. Respostas e definições – vê-se logo – para uso interno. (LAJOLO, 2001, p. 25)

Historicamente, como outras áreas do conhecimento, a literatura e seu ensino também passaram por transformações significativas durante a história. Para Cosson (2021b) é comum o professor usar modelos de ensino já consagrados sem se questionar sobre os motivos e teorias que embasam determinada prática. É nesse contexto que falamos de paradigmas, isto é, de um modelo ou de um padrão de ação que é delimitado numa instância superior e depois é seguido por um determinado conjunto de pessoas – neste caso, de professores –, muitas vezes sem uma reflexão crítica sobre essas ações.

 Um paradigma é constituído por saberes e práticas, conceitos e técnicas, questionamentos e exemplos, objetos e termos usados para descrevê-los dentro de uma determinada área de conhecimento. Ele funciona como uma espécie de moldura que identifica, explica e guia, mas também delimita a atuação dos profissionais da área. Quando essa moldura perde consistência, o campo de conhecimento se transforma dando lugar a um novo paradigma. (COSSON, 2021b, p. 7)

Entre os paradigmas apontados por Cosson (2021b), dois paradigmas tradicionais ainda permanecem como os principais modelos de ensino de literatura nas escolas brasileiras. São eles: o moral-gramatical e o histórico nacional. Em relação a eles, pode-se dizer que, de um lado, os textos literários são utilizados para ensinar a leitura e, do outro, os textos são suportes para o ensino da história literária. Em outras palavras, a leitura literária tem sido utilizada como leitura de fruição e deleite, principalmente nas séries iniciais do ensino fundamental. Já a leitura aplicada é mais utilizada no ensino médio, em que a leitura literária é a base para se ensinar períodos literários (COSSON, 2021).

Nesse sentido, Street (2021) destaca que o professor, ao planejar, busque textos e documentos voltados para as práticas sociais de leitura e escrita de maneira que o estudante possa aplicá-los em situações “reais” peculiares. Street (2021, p. 23) explicita que aspectos ligados às

“funções” da linguagem não devem prevalecer no ensino, mas sim “a consciência da natureza social e ideologicamente construída das formas específicas que habitamos e que usamos em determinados momentos.”

Ainda, ao discutir sobre letramento, em seus estudos etnográficos, Street (2021) estabelece conceitos oriundos da sociologia, da antropologia e da linguística para se pensar acerca do conceito. Em suas discussões, Street (2021) nos lembra que o letramento pode assumir diferentes sentidos a partir do viés em que é analisado. Street (2003) entende que letramento é uma prática de natureza social, carregado de ideologias, e não uma habilidade ou técnica de ler e escrever em que as pessoas aprendem e devem praticar. Por esse viés, apresenta-nos dois modelos de letramentos: modelo autônomo e modelo ideológico de letramento.

O modelo autônomo preza pelas capacidades cognitivas (individuais) e pela maneira como o sujeito lida com o texto. Assim, o processo de pedagogização que acontece na escola distancia a língua dos sujeitos, tanto alunos como professores, estabelecendo regras e exigências externas, tomando os envolvidos como seres passivos. Esse modelo prestigia a língua escrita, o saber acadêmico, em detrimento da oralidade. Nesse modelo, conforme Street (2021), a escola rotula espaços e segue procedimentos, sendo que as regras estabelecidas precisam ser cumpridas. Segundo o referido autor, isso leva o indivíduo a “acreditar” que dominando o código da língua acessar os grupos de mais prestígio.

No modelo autônomo há programas únicos de alfabetização criados para atender as várias localidades, tanto em nível nacional como internacional, não considerando a cultura, nem o contexto e nem a variação do letramento. Nas palavras de Street (2021), o modelo autônomo de

letramento, tanto na escola, como na sociedade, o indivíduo será medido pela capacidade cognitiva, isto é, pelas notas obtidas em avaliações externas, concursos, vestibulares, entre outras políticas educacionais públicas vigentes. E aqueles que apresentarem dificuldades na leitura e na escrita serão classificados como “analfabetos”, isso tudo vindo de imposição de um modelo único e dominante, fruto de uma sociedade estruturada em dominantes e dominados.

Franco (2015, p. 34), a partir dos estudos de Street (2021), nos diz que o modelo autônomo de letramento se refere, basicamente, às habilidades individuais do sujeito. De acordo com a pesquisadora, nesse modelo estão “incluídas as atividades de processamento da leitura, tanto as que ocorrem de forma consciente como as inconscientes, na construção do sentido do texto, ou seja, compreende o letramento como uma habilidade técnica e neutra”.

Na contramão do modelo autônomo, Street (2021) apresenta um modelo alternativo, o ideológico, com um sentido mais amplo e que engloba o modelo autônomo. Nesse modelo, as “pessoas podem estar envolvidas em uma forma e não na outra, suas identidades podem ser diferentes, suas habilidades podem ser diferentes, seus envolvimento em relações sociais podem ser diferentes” (STREET, 2010, p. 37). Nesse sentido, o modelo ideológico muda de acordo com o contexto em que o indivíduo está inserido, além da relação que cada um terá com a leitura e a escrita.

Kleiman (2014, p.57), ao discutir sobre o modelo ideológico proposto por Street (2021), acrescenta que esse “leva em conta a pluralidade e a diferença”, isto é, o percurso do estudante, suas vivências, o conhecimento de leitura e escrita, deveriam ser valorizados no contexto escolar. Entretanto, isso não acontece, pois não há neutralidade na educação, seja na sala de aula, na

prática do professor e, muito menos, nas campanhas de letramento, pois carregam consigo ideologias advindas desde o período colonial, de maneira a impor culturas aos seus dominados, com interesses políticos, culturais e econômicos (STREET, 2021). Por esses motivos que o autor reforça que os letramentos sociais desde o início é um ato social, não é neutro e varia de um contexto para outro.



Direitos imprescritíveis do leitor, por Daniel Pennac:

- 1) O direito de não ler.
 - 2) O direito de pular páginas.
 - 3) O direito de não terminar um livro.
 - 4) O direito de reler.
 - 5) O direito de ler qualquer coisa.
 - 6) O direito ao bovarismo (doença textualmente transmissível).
 - 7) O direito de ler em qualquer lugar.
 - 8) O direito de ler uma frase aqui e outra ali.
 - 9) O direito de ler em voz alta.
 - 10) O direito de se calar.
- (PENNAC, 1993)

Tomando por base o modelo ideológico de letramento, Graça Paulino, no final da década de 1990, moldou o termo letramento literário por entender que se trata “de um tipo singular de letramento e sua inserção no contexto escolar” (COSSON, 2021b, p. 171). Desde então, esse termo vem se expandido em grupos de estudos, em trabalhos acadêmicos e entre pesquisadores. Porém, o termo letramento literário ainda é confundido com outras palavras sinônimas, tais como o ensino de literatura ou educação literária.

Letramento literário é apontado por Paulino e Cosson (2014, p. 67), “como o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” o qual os autores explicam que o letramento literário não inicia e nem termina na escola, está em constante modificação, além do indivíduo, dar novos sentidos e significados ao mesmo texto dependendo das condições e dos interesses para que isso aconteça.

Segundo Paulino e Cosson (2014), para concretizar o letramento literário na escola é necessário o contato direto do estudante com o texto literário. Assim, há a necessidade de a escola e de o professor disponibilizar materiais de leituras acessíveis aos estudantes, em locais de livre acesso, seja na sala de aula, biblioteca, ou outro lugar da escola. Ainda, no currículo, o ensino da literatura precisa ter um espaço destinado às aulas e as atividades literárias.

No tópico, a seguir, discutiremos sobre a efetivação do letramento literário na escola por meio de uma metodologia que são os círculos de leitura, sendo essa baseada nos estudos de Cosson (2020;2021) e Daniels (2002).

CÍRCULOS DE LEITURA: EFETIVAÇÃO DO LETRAMENTO LITERÁRIO NA ESCOLA



Para promover o letramento literário na escola e a “força humanizadora da literatura” não basta somente o indivíduo fazer a atividade de leitura (COSSON, 2021a). O referido autor nos orienta que a literatura precisa ser lida de maneira adequada e, para isso acontecer, é preciso que a escola ensine aos alunos os mecanismos de interpretação para explorar os textos; que a leitura coletiva seja estimulada, pois a interpretação de textos literários é um ato solidário, não é um monólogo, e sentidos são dados aos textos cada vez que o leitor lê o mesmo texto.

Os círculos de leitura apresentam diversos benefícios no espaço escolar ou em outro local em

que haja pessoas interessadas em formar grupos para discussão da leitura de alguma obra literária. Destacamos que “o que se altera de um círculo para o outro são os interesses e demais características da comunidade de leitores que ali se presentifica”. (COSSON, 2020, p.157).


Vale lembrar que assim como Cosson (2020) escolhemos o suporte livro pelo motivo de ser objeto dominante nos círculos de leitura e pelo fato de nos dar maior segurança para trabalharmos com o círculo de leitura. Todavia, a metodologia que apresentamos neste Guia, pode ser adaptada para outras manifestações literárias, como, por exemplo, a música, a pintura, a fotografia, etc. Nos tópicos, a seguir, citamos algumas potencialidades dos círculos:

- Podem ser colocados em prática dentro ou fora da escola, atendendo a todas as faixas etárias.
- Envolvem o leitor com o texto de maneira que o indivíduo entende as normas e o funcionamento da escrita.

- Promovem a socialização, respeito mútuo e novas amizades entre os participantes nos grupos de leitura.
- Permitem que o leitor seja ativo no processo de sua aprendizagem, criando estratégias de leitura, tomando decisões e resolvendo problemas.
- Proporcionam que as leituras e as interpretações sejam dadas pelo leitor, e com isso, há uma maior variedade de opiniões sobre um determinado texto.
- Apresentam um caráter formador aos envolvidos.
- Possibilitam estratégias variadas e combinadas de avaliação e autoavaliação para professor e aluno. (COSSON, 2020; 2021)

Para concretizar o letramento literário na escola e estabelecer uma comunidade de leitores, é necessário que o professor considere a circulação dos textos e às possibilidades de dificuldades em relação a esses textos. (PAULINO e COSSON, 2014)

Desse modo,

 Nas escolas, os círculos de leitura oferecem aos alunos a oportunidade de construir sua própria aprendizagem por meio de reflexão coletiva, ampliar a capacidade de leitura e desenvolver a competência literária, entre outros tantos benefícios em termos de habilidades sociais, competências linguísticas. Os alunos aprendem a dialogar, resolver problemas, liderar, argumentar, sintetizar, exemplificar, registrar, questionar, entre outras competências. Além disso, as discussões dos círculos de leitura ajudam a desenvolver o alto raciocínio. (COSSON, 2020, p. 177)


Há três tipos de círculos de leitura que funcionam de maneiras diferentes, apresentam vantagens e desvantagens no que se refere ao letramento literário e podem ser combinados. Cosson (2020) propõe que na escola sejam seguidos, visto que esse meio auxilia no processo da aprendizagem da leitura compartilhada.

O primeiro é o círculo estruturado, que segue regras definidas para cada membro do grupo, que exercem funções diferentes; o segundo, o semiestruturado, não tem roteiro para seguir, mas o coordenador é o responsável por acompanhar o desempenho e a participação dos grupos; e o último, o círculo aberto ou não estruturado, o qual os participantes combinam a obra e o cronograma das reuniões. Nesse modelo, os participantes discutem a obra lida como se estivessem em um encontro de amigos ou familiares.

Cosson (2020) apresenta duas etapas para a prática do círculo de leitura. A primeira é a preparação e a seleção das obras, cabendo ao professor selecionar livros seguindo textos adequados à turma; e a segunda, os alunos escolhem os textos desde que sigam os objetivos previstos do planejamento do professor.

Nessa perspectiva, com o intuito de que o professor explore o máximo com seus alunos as

potencialidades de um texto, numa perspectiva que o ato de ler é solidário (COSSON, 2021a), e que “nem a obra é dotada de um sentido preexistente, nem o leitor é aquele ser isolado e silencioso [...]” (DURÃO; CECHINEL, 2022, p. 16), a seguir, descrevemos a metodologia dos círculos de leitura. O autor divide a metodologia em três etapas: modelagem, prática e avaliação, porém deixa claro que essas etapas se misturam a partir do momento em que o círculo entra em ação.

 No que se refere ao professor como mediador de leitura, entendemos que esse papel abrange múltiplas tarefas, as quais envolvem criar condições de leitura, orientar os alunos quanto acervo existente na escola; indicar estratégias de leitura de acordo com o objetivo da leitura; ensinar como cuidar do livro; dar sugestões sobre o que ler, de acordo com os objetivos de leitura propostos; coordenar as atividades de leitura de sua turma ou escola, de modo a atingir objetivos específicos de leitura e ser ele mesmo um exemplo de leitor assíduo dos mais variados gêneros discursivos e literários. (SILVA, 2022, p. 24-25)

Na modelagem, o professor é o centro, pois é ele que direciona os alunos para participarem do círculo de leitura. É a etapa mais importante, é a base e equivale à encenação, “como se faz” e “por que se faz” para os alunos da maneira que irá funcionar o círculo. Nessa fase Cosson (2020) menciona que nenhum círculo de leitura deveria ser colocado em prática sem ter sido modelado pelo professor por aproximadamente dois meses, isso porque os alunos precisam entender bem o funcionamento de todas as fases do círculo.

Ainda, na fase da modelagem, o professor demonstra como acontece cada procedimento; ensaia e treina para que todos tenham clareza das etapas que vai acontecer o círculo. Assim, o professor, de posse com um texto curto que os alunos o conheçam bem, o lê silenciosamente, realiza anotações, faz perguntas, cria respostas; enfim, o docente demonstra para os alunos os procedimentos a serem realizados. Posteriormente, usando outro texto, o professor

pede para os alunos colocarem em prática a leitura e, ele acompanha a atividade solicitada.

Após essa etapa, caso queira e seja possível, com o auxílio de outros profissionais da escola, ou convidados, e de posse do texto já trabalhado na apresentação; o professor faz a discussão e registros; isso tudo acompanhado pelos alunos.

Posteriormente, após a demonstração e a preparação, o professor pode iniciar o círculo de leitura. É importante o professor acompanhar todo o processo, revendo algumas ações, e intervindo quando necessário.

Ressaltamos que “não há como determinar um equilíbrio previamente; somente o professor, com o conhecimento e a experiência de sua sala de aula, pode estabelecer o momento em que a modelagem deve ceder lugar para a prática efetiva do círculo de leitura.” (COSSON, 2021, p.71)

Cosson (2021), baseado no modelo de Daniels (2002), círculo de literatura, apresenta fichas de funções cujas tarefas para os alunos são predeterminadas por um tempo pelo professor, e que auxiliam os alunos com menos experiência na leitura a explorarem o texto. As funções ou responsabilidades desempenhadas pelos alunos são as seguintes:

- Questionador: elabora perguntas sobre a obra para os colegas. Essas questões exigem explicação ou elaboração e, com isso, dão condições para o grupo iniciar uma discussão.
- Iluminador de passagens: seleciona uma passagem do texto para dar início ao debate no grupo.
- Conector: apresenta trechos ou passagens de outras obras para conectar com a obra lida.
- Dicionarista: escolhe palavras consideradas complexas e importantes para o entendimento do texto
- Sintetizador: resume o texto, insere ou retira detalhes da leitura.

- Pesquisador: busca informações históricas, geográficas, culturais, mitológicas, entre outras, para contextualizar o texto.
- Analista de personagem: mostra o perfil das personagens.
- Registrador/notário: anota o que foi discutido no grupo.

As funções apresentadas podem ser desempenhadas, ou não, pelos estudantes, sendo que o professor irá tomar a decisão. Isso porque, “nem todas as funções precisam ser preenchidas por um grupo, assim como o professor pode inventar outras funções conforme as características do texto a ser lido e da turma.” (COSSON, 2020, p. 143). Tal decisão se faz necessária, de acordo o autor, pelo fato de os alunos focarem somente na função que irão desempenhar e deixar de participar ativamente das discussões do grupo.

Quanto a prática, os alunos participam ativamente preparando questões e debatendo a obra. Em relação ao professor, ele fica atento ao debate dos alunos.

Esse momento é dividido em:

- **Seleção das obras** que precisa ser compartilhada entre professor e aluno.
- **Formação dos grupos** que devem ter no mínimo três e no máximo cinco integrantes, de maneira que haja sempre rodízios entre os participantes dos grupos.
- **Cronograma** que será um coletivo do professor com a turma; e o outro pessoal, do grupo com momentos de leitura da obra selecionada.
- **Encontro inicial**, momento em que o professor irá estabelecer regras sobre o manuseio da obra, a função de cada integrante do grupo; o assunto que será discutido no encontro seguinte; e o planejamento com as datas dos encontros.
- **Encontros mediais**, fase de orientação, retomada no tema do encontro anterior, registro, organização, comentário e apresentação de um novo tema.
- **Encontro final**, etapa que finaliza a leitura de uma determinada obra pelo grupo. Esse tempo também é dedicado ao agradecimento pela participação dos alunos; pela apresentação de uma síntese das atividades desenvolvidas pelos grupos;

e autoavaliação e avaliação dos alunos em relação à obra estudada. Para esse momento, o professor pode oferecer um formulário para que o aluno ou grupo preencha.

Na avaliação, professor e alunos avaliam o rendimento do círculo de leitura, seja por meio das observações e anotações do professor; ou da autoavaliação e avaliação oral do grupo de alunos.



A escola é a instituição que há mais tempo e com maior eficiência vem cumprindo o papel de avaliadora e de fiadora do que é literatura. Ela é uma das maiores responsáveis pela sagração ou pela desqualificação de obras e de autores. Ela desfruta de grande poder de censura estética – exercida em nome do bom gosto – sobre a produção literária. (LAJOLO, 2001, p. 19)

Enfim, diante da metodologia apresentada, reafirmamos mais uma vez que esse Guia é uma proposta, uma sugestão de trabalho que os professores podem desenvolver com seus alunos tendo em vista o letramento literário.

COMO APLICAR OS CÍRCULOS DE LEITURA NA ESCOLA?



Pretendemos com este Guia apoiar o trabalho do professor de língua portuguesa e literatura na escola com os círculos de leitura de forma a contribuir com o letramento literário. Frisamos que este Guia não é uma proposta que está engessada, pronta, que deve ser seguida, mas sim, um documento que auxilia e conduz o professor no entendimento do que seja círculos de leitura. Ainda, esse documento visa expor ao docente que é possível “integrar as aulas de literatura com um programa de leitura que envolve a biblioteca e a comunidade escolar como um todo” (COSSON, 2021b, p.8). Em outras palavras, o professor pode envolver outros profissionais da escola apoiando-o no círculo de leitura.

Destacamos que a metodologia dos círculos de leitura pode ser adaptada para outros segmentos escolares, bem como espaços não-formais na educação. Porém, elaboramos uma proposta para ser aplicada na escola tendo como público alvo os alunos do ensino fundamental dos 8º e 9º anos, e do ensino médio integrado (1ª a 3ª série). A escolha foi feita para essas séries por considerarmos que os alunos que estão nesses segmentos de ensino são capazes de refletir sobre o que leem e trazem para suas leituras a interpretação de mundo e de suas vivências.

Vale destacar que a sugestão de atividade desta proposta de círculos de leitura foi baseada em Cosson (2020; 2021), Daniels (2002) e em modelos de ficha de leitura de Moen (2004). Por isso, o que será apresentado não é algo novo elaborado pelas autoras deste Guia, mas, sim, atividades que foram aperfeiçoadas e adaptadas diante das leituras e pesquisas realizadas acerca da formação de leitores, círculo de leitura e letramento literário.

Dividimos as aulas em dois módulos de 50 minutos para cada aula planejada pelo professor. Lembramos que obras maiores não deverão ultrapassar um bimestre de leitura pelos alunos e, as obras menores, o máximo um mês (COSSON, 2020). As leituras serão feitas na escola e em casa, divididas em partes ou capítulos, conforme demonstraremos neste Guia em “Proposta metodológica de círculos de leitura para alunos das séries finais do ensino fundamental (8º e 9º anos) e médio (1ª a 3ª série)”.

Para um melhor entendimento do cronograma de leitura e discussão, após a seleção das obras para leitura, apresentamos uma tabela com o detalhamento do tempo e das atividades para cada momento da aula (COSSON, 2020). Isso quer dizer que para todas as aulas o professor poderá seguir esses passos. Evidenciamos mais uma vez que é uma sugestão e, portanto, cabe ao professor ter autonomia e discernimento do que será melhor para seus alunos. Porém, conforme descrevemos

neste Guia em Considerações finais, o sucesso do círculo de leitura depende também da leitura das obras pelo professor, do envolvimento e acompanhamento de todo o percurso dos alunos nos grupos de leitura.

Quadro 01: Cronograma de leitura e discussão

(Continua)

Tempo	Atividade	Envolvidos	Observação
10 a 15min	Conversar com os alunos sobre algo relacionado a leitura das obras que estão lendo e sobre o funcionamento do grupo. (professor)	Toda a turma.	Cosson (2020) chama esse momento de miniaula, ou seja, um momento em que o professor tem com os alunos para esclarecimentos ou pontuar algo relevante para melhoria do círculo.

Quadro 01: Cronograma de leitura e discussão

(continuação)

Tempo	Atividade	Envolvidos	Observação
30 min	Realizar as discussões a partir das anotações das leituras feitas. (alunos)	Somente os grupos.	Usar o diário de leitura ou as fichas de função.
15 min	Registrar (individual ou do grupo) o que foi falado durante a discussão da leitura. (alunos)	Somente os grupos.	Usar o diário de leitura ou as fichas de função.
20 min	Conversar novamente com toda a turma e ouvi-los a respeito das leituras (caso seja necessário). (professor)	Toda a turma.	Replanejar, trocar alunos de funções nos grupos.

Fonte: Adaptado de Cosson (2020)

Elaboramos esse cronograma nos baseando em duas aulas semanais de 50 min, totalizando quatro aulas. Pois, no revezamento de aula do professor de uma sala para outra; na saída de um

espaço (caso o professor leve a turma para a biblioteca, por exemplo) para outro; e o tempo destinado ao professor para fazer chamada da turma, vários minutos da aula são consumidos.

Diários de leitura e fichas de função: instrumentos que os alunos usarão para registrar a leitura.

Ainda, mencionamos que o professor pode trabalhar com obras diferenciadas para cada grupo, ou apenas uma obra para toda a turma. Essa escolha vai depender da experiência de leitura da turma e da facilidade do entendimento deles acerca do círculo de leitura.



O diário de leitura é um registro das impressões do leitor durante a leitura do livro, podendo versar sobre dificuldades de compreensão de determinadas palavras e trechos, transcrição de trechos favoritos com observações, evocação de alguma vivência, relação com outros textos lidos,

apreciação de recursos textuais, avaliação da ação dos personagens, identificação de referências históricas e outros tantos recursos que constituem a leitura como diálogo registrado entre leitor e texto. (COSSON, 2020, p. 122)

No próximo tópico, apresentamos uma proposta metodológica de círculos de leitura, destacando os objetivos para o professor e para o aluno, além de apresentar um quadro esquemático com objetivos e atividades que serão desenvolvidas antes (apresentação do círculo), durante (execução das leituras) e após (encerramento das leituras) dos círculos.

PROPOSTA METODOLÓGICA DE CÍRCULOS DE LEITURA PARA ALUNOS DAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL (8^o e 9^o anos) E MÉDIO (1^a a 3^a série)



Objetivos desta proposta

Para o professor

- Apresentar ao professor que ele exerce um papel importante para a formação do aluno leitor.
- Mostrar ao professor que a literatura pode ser integrada em projetos envolvendo a comunidade escolar.
- Orientar a prática do professor para que ele conheça estratégias para ensinar o letramento literário na escola.

Para o aluno

- Despertar o interesse nos alunos sobre os círculos de leitura.
- Preparar os alunos para serem introduzidos na leitura das obras literárias.
- Ampliar o repertório literário dos alunos.
- Conduzir os alunos a fazerem uma leitura atenta, observando os detalhes e os recursos empregados.
- Proporcionar momentos de discussão e interação entre os alunos.
- Fortalecer a turma como uma comunidade de leitores.



Quadro Esquemático das Aulas

O quadro, a seguir, apresenta as aulas, os objetivos principais de cada aula, além de uma visão geral das atividades que serão desenvolvidas durante os encontros.

Importante! Reforçamos que esse esquema pode ser utilizado em espaços não-formais da educação e adaptados conforme a necessidade do grupo.

Quadro 02: Quadro esquemático das aulas (Continua)

Aulas	Objetivos principais	Atividades desenvolvidas	
		Professor	Aluno/grupo
01	Traçar o perfil da turma e apresentar aos alunos sobre os círculos de leitura	Apresentar o círculo. Entregar aos alunos a ficha de leitura.	Preencher a ficha de leitura.
02	Apresentar aos alunos a obra escolhida	Apresentar o autor e a obra. Ler em voz alta o texto.	Acompanhar a leitura. Ler silenciosamente.
03	Realizar encontro do leitor com a obra e formar grupos de leitura	Orientar aos alunos. Acompanhar a agenda dos encontros dos grupos e dar publicidade na escola.	Selecionar as obras literárias. Elaborar o contrato de convivência. Construir uma agenda de encontros.

Quadro 02: Quadro esquemático das aulas (Continuação)

Aulas	Objetivos principais	Atividades desenvolvidas	
		Professor	Aluno/grupo
04	Realizar encontro dos grupos para leitura e discussão	Orientar aos alunos. Acompanhar a agenda dos encontros dos grupos.	Conhecer o texto literário. Distribuir as funções no grupo. Elaborar uma agenda de encontros com planejamento das leituras.
05	Realizar encontro dos grupos para leitura e discussão	Orientar aos alunos. Acompanhar a participação dos alunos.	Discutir a leitura no grupo. Fazer registros das discussões. Trocar/revezar os participantes nas funções.
06	Encerrar a leitura da obra literária	Organizar a turma para as discussões. Entregar uma ficha de avaliação e autoavaliação aos alunos. Ouvir os relatos dos alunos.	Compartilhar as leituras. Preencher as fichas de avaliação e autoavaliação dos encontros.

Fonte: Adaptado de Cosson (2020)

Aula 01: Traçar o perfil da turma e apresentar aos alunos sobre os círculos de leitura

- Explicar aos alunos como irão acontecer as aulas do círculo de leitura.
- Pedir aos alunos que preencham uma ficha (anexo 01) informando as obras lidas, as que gostariam de ler e o gênero literário que prefere ler. As fichas serão importantes para um diagnóstico da turma sobre hábitos de leitura e gosto literário. Com essas informações, o professor fará uma seleção de obras para os alunos escolherem o que gostariam de ler.
- Escolher uma única obra para estudar com toda a turma, pois essa será a primeira vez que irá trabalhar com os círculos de leitura. Uma sugestão seria um conto, pois, devido à extensão do texto, provavelmente em duas aulas, sendo cada uma de 50 min, seja possível explicar todos os passos para os alunos de que modo como acontecerão os círculos de leitura.

Cânone deriva da palavra grega “kanon” que designava uma espécie de vara com funções de instrumento de medida; mais tarde o seu significado evoluiu para o de padrão ou modelo a aplicar como norma. (DUARTE, 2009)

Atenção, professor!

Não se pode pensar em letramento literário abandonando-se o cânone, pois este traz preconceitos, sim, mas também guarda parte de nossa identidade cultural e não há maneira de se atingir a maturidade de leitor sem dialogar com essa herança, seja para recusá-la, seja para reformá-la, seja para ampliá-la. (COSSON, 2021a, p. 33-34)

Aula 02: Apresentar aos alunos a obra escolhida

- Apresentar o autor e o contexto histórico da época.
- Fazer uma leitura em voz alta do texto escolhido, revezando com uma leitura silenciosa dos alunos.

Aula 03: Realizar encontro do leitor com a obra e formar grupos de leitura

- Apresentar aos alunos vários livros (uma sugestão é que o aluno escolha quatro livros) e anotem na ficha (anexo 02) a ordem das obras que gostariam de ler primeiro.
- Mostrar aos alunos as obras escolhidas pela turma de acordo com a preferência dos alunos (mais votado, ao menos votado).

- Dividir a turma em pequenos grupos, contendo no máximo cinco alunos, e no mínimo três alunos em cada grupo. Menos participantes irá fortalecer a participação da leitura nos grupos.
- Elaborar um contrato de convivência com os alunos. (Anexo 03)
- Separar a turma em grupos de maneira que cada grupo fique com uma obra literária.
- Estabelecer um cronograma coletivo do professor com a turma e publicar na escola para que todos tenham conhecimento da atividade que será desenvolvida durante o período estabelecido no cronograma. (Anexo 04)

Importante:

- Selecionar as obras de acordo com as preferências da turma ou aquelas que os alunos gostariam de ler primeiro.

- Ficar atento na formação de grupos temporários para que haja sempre rodízios entre os alunos, ao final de cada círculo de leitura.
- Verificar logo no início dos encontros dos círculos se há ausência de algum participante, pois todo o funcionamento depende da fase inicial para não colocar em risco a existência do círculo.

Aula 04: Realizar encontro dos grupos para leitura e discussão

- Ajudar a organizar os grupos de maneira que os alunos manuseiem a obra, observem a capa, a contracapa, as ilustrações. Podem também ler os dados autobiográficos do autor e fazer uma leitura rápida das primeiras páginas do livro.
- Definir a função de cada integrante: questionador, iluminador de passagens, conector, dicionarista, sintetizador,

pesquisador, analista de personagem, registrador/notário. (Anexo 05). Vale lembrar que alguns terão funções repetidas, ou, então, algumas podem não ser executadas pelos alunos. Também é essencial que cada grupo tenha um líder para coordenar os trabalhos do grupo.

- Escolher o assunto que será discutido no encontro seguinte.
- Sugestão: pode ser uma pergunta relacionada a capa do livro, ao título, ou algo que tenha chamado atenção na contracapa, por exemplo.
- Elaborar um cronograma de encontros de leitura para eles. Caso o professor ache necessário, pode fazer um cronograma e entregar aos alunos para os grupos preencherem o título da obra, o nome do grupo, e o número de páginas que irão ler nos próximos encontros. (Anexo 06)

Importante:

- Reunir em um espaço onde os grupos fiquem afastados uns dos outros, caso seja possível. Ainda, havendo carga horária, o professor pode incluir no cronograma, tempo de leitura silenciosa, ou leitura em voz alta da obra, ou trechos em algum espaço da escola (sala de aula, biblioteca).
- Realizar as anotações (antes, durante e após a leitura e as discussões) para que sejam compartilhadas, para que não caia no esquecimento o encontro entre o leitor e a obra.
- O que mais pode ser anotado? Trechos considerados difíceis de entendimento, ou que merecem destaque; palavras ou expressões que chamaram a atenção; eventos que tragam a lembrança de algum fato ocorrido com os alunos; personagens que encantam o grupo, entre outras observações relevantes.

- Criar ou abolir as funções dos participantes caso observe que não está acontecendo uma leitura efetiva da obra.

Aula 05: Realizar encontro dos grupos para leitura e discussão

- Conversar com os alunos sobre a leitura, a organização dos grupos, e outro assunto que considerar ser relevante no que se refere a orientação do círculo.
- Discutir a leitura da obra até o momento, de acordo com as divisões e funções dos grupos. É importante a participação do líder para auxiliar nas funções já estabelecidas pelos participantes, nas perguntas e respostas que irão surgir, além de estar atento as anotações que um aluno ou alunos farão no diário de leitura (caderno de registro) das discussões realizadas.

- Pedir aos alunos que façam síntese das discussões, podendo ser individuais ou coletivas. É essencial haver envolvimento de todos os integrantes do grupo no momento do registro.
- Estabelecer o assunto a ser discutido no próximo encontro e, ainda, trocar/revezar a função dos participantes nos grupos.
- Apresentar o progresso dos grupos durante as atividades do círculo ou alguma observação relevante para os futuros encontros.
- Fazer as considerações finais com os alunos.

Importante:

- Envolver e participar ativamente nessa atividade é o que é necessário para os alunos, pois, assim, o sentido da obra surgirá a partir desse compartilhamento e das discussões dos estudantes.

- Permanecer como observador/orientador, fazendo interferências quando perceber que os alunos estão se distanciando dos objetivos do círculo de leitura. Ainda, estar atento aos questionamentos dos grupos, fazer anotações, esclarecer dúvidas dos alunos, de forma que os estudantes criem autonomia e confiança em resolver questões que surjam.

Aula 06: Encerrar a leitura da obra literária

Desenvolvimento:

- Organizar os grupos para o compartilhamento de leituras.
- Apresentar a leitura para todos os participantes de acordo com a escolha do grupo. Essa leitura pode acontecer de várias maneiras: sarau, monólogo, leitura de relatório, teatro, desempenho, feira literária, etc.

- Entregar uma ficha para os alunos preencherem fazendo a autoavaliação e avaliação da leitura da obra. O preenchimento pode ser individual ou coletivo. (Anexo 07)
- Pedir aos alunos que desejarem que façam um relato da experiência com o círculo de leitura.



Importante:

- Avaliar todo o processo do círculo de leitura, de maneira a envolver o professor e os alunos (autoavaliação).
- Gravar (se possível) as discussões dos alunos. Em outro momento, utilizar a gravação para debates com os estudantes.
- Ficar atento para o aluno realizar a atividade dos registros com prazer, e não por obrigação para ter que cumprir mais uma tarefa escolar.



Anexo 01: Proposta para o encontro do leitor com a obra

Traçar o perfil do leitor

Obras lidas e gosto literário		
Nome:		
Obras lidas	Obras que gostaria de ler	Gêneros favoritos

Fonte: Adaptada de acordo com Cosson (2020)

Sugestões para escolha das obras pelos alunos

- Disponibilizar uma lista de obras previamente selecionadas para os alunos.
- Explicar para os alunos a escolha de cada obra.
- Manusear as obras e classificá-las de acordo com a preferência de leitura dos alunos.
- Diversificar os temas das obras a fim de que atendam aos interesses dos alunos. (COSSON, 2020)

Anexo 02: Ficha para que o aluno faça a escolha das obras

Seleção das obras		
Aluno:		
Ordem	Título do livro	Justificativa
1º		
2º		
3º		

Fonte: Ficha adaptada de acordo com Cosson (2020).



Importante:

- Considerar unicamente as obras mais votadas para serem lidas durante o semestre ou ano escolar.
- Organizar os grupos dos alunos de acordo com as preferências de leituras.
- Verificar, se há na turma alunos que tenham mais experiência em leituras e pedir que indiquem outras obras, além das apresentadas pelo professor.
- Atentar se as obras selecionadas atendem aos níveis de leitura e interpretação da turma.

- Diversificar o objeto de estudo, no caso, quando não for análise de obras literárias, por outros suportes, tais como: obras, filmes, fotografias, entre outros.
- Cumprir o cronograma dos encontros propostos, sendo que haverá variação de tempo de acordo com o tamanho e complexidade da obra. Porém, é válido destacar que com obras maiores os encontros com os alunos devem ser mais próximos. (COSSON, 2020)

Anexo 03: Modelo de um contrato de convivência



CONTRATO DE CONVIVÊNCIA

I-Dos direitos

1-Todos têm o direito de participar igualmente das atividades do círculo de leitura.

2-Todos têm o direito de expressar suas ideias e opiniões, considerando o respeito aos demais participantes.

3-Todos têm o direito de fazer uso dos recursos materiais, equipamentos e instrumentos que foram disponibilizados para a execução das atividades do círculo de leitura.

II-Dos deveres

4-É dever de todos respeitar reciprocamente, agindo cordial e solidariamente, mesmo quando as ideias, opiniões e atitudes diferem das suas, sendo vedado qualquer tipo de agressão, preconceito e discriminação.

5-É dever de todos a participação efetiva nas atividades do círculo de leitura, vedada a realização de outras atividades não previstas no planejamento do professor.

III-Das sanções

6-Todas as sanções disciplinares de que trata o Código Disciplinar Discente da escola serão aplicadas, havendo necessidade, no círculo de leitura.

IV-Participantes

Coleta de assinaturas.

Fonte: Modelo adaptado – **Clube juvenil**. [202?].

Anexo 04: Cronograma dos encontros dos grupos de leitura.

Turma: _____

Ordem	Encontros/dia	Grupos	Tarefa
01	____/____/____		
02	____/____/____		
03	____/____/____		
04	____/____/____		

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Anexo 05: Funções nos grupos

Membros do grupo:

Título da obra que está lendo:

Alternância dos papéis no grupo:

Nome	Data	De (função)	Para (função)

Fonte: Adaptado de MOEN (2004)

Anexo 06: Agenda de encontros do grupo

Nome do grupo:

Membros do grupo:

Título da obra que está lendo:

Datas de encontros do grupo para leitura da obra selecionada:

Encontro nº	Data	Página inicial	Página final

Fonte: Adaptado de MOEN (2004)

Anexo 07: Avaliação: participação no grupo

Nome: _____

Obra: _____

Função: _____

Preencha com um X o que melhor se encaixa para você.

Sentenças	Sempre	Às vezes	Raramente
1. Participei ativamente no grupo durante as discussões realizadas.			
2. Respeitei a opinião do outro e questionei quando foi preciso.			
3. Encorajei o outro a falar.			
4. Não colaborei com a discussão.			
5. Fiz os registros do meu grupo e dos grupos da turma.			
6. Colaborei em todas as funções exercidas no grupo.			
7. Avaliei os encontros ajudando nos comentários do grupo.			

Fonte: Adaptado de COSSON (2021) e MOEN (2004)

Observações que julgar necessárias:

PROPOSTA DE CÍRCULOS DE LEITURA COM O CONTO MACHADIANO O ESPELHO



Esta proposta objetiva atender aos alunos das séries finais do ensino fundamental e do ensino médio. As aulas foram idealizadas para serem trabalhadas em um período de dois módulos de 50 minutos, ficando a critério do professor, distribuir o tempo de acordo com objetivo da aula, a necessidade e o interesse da turma.

Vale lembrar que todo o material das aulas deverá ser providenciado pelo professor com antecedência (impressão do conto e fichas para os alunos preencherem).

Objetivos desta proposta aos alunos:

- Despertar o interesse nos alunos sobre os círculos de leitura.
- Preparar os alunos para serem introduzidos na leitura das obras literárias.
- Ampliar o repertório literário dos alunos.
- Conduzir os alunos a fazerem uma leitura atenta, observando os detalhes e os recursos empregados.
- Proporcionar momentos de discussão e interação entre os alunos.
- Fortalecer a turma como uma comunidade de leitores.

Aula 01: Traçar o perfil da turma e apresentar aos alunos sobre os círculos de leitura

- Comunicar aos alunos que a aula desse dia vai acontecer uma nova metodologia para incentivá-los à leitura.
- Entregar uma ficha para os alunos preencherem informando as obras que já leram, as

que gostariam de ler e o gênero literário que preferem ler.

- Informar aos alunos que após o preenchimento da ficha, eles terão conhecimento das atividades que serão realizadas nas aulas de literatura.

Atenção, professor!



Deixar que o aluno se sinta à vontade para preencher a ficha. Pode ser que tenha aluno na turma que não irá preencher por não ter lido uma obra ou por não se lembrar do que leu nos últimos meses e anos.

Obras lidas e gosto literário		
Nome:		
Obras lidas	Obras que gostaria de ler	Gêneros favoritos

Fonte: Adaptada de acordo com Cosson (2020).

Atenção, professor!

Informar aos alunos que gêneros são “textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica” (MASCUSCHI, 2010, p.23). Exemplos de gêneros: romance, notícia jornalística, resenha, piada, etc.

- Após recolher as fichas, explicar como acontecerão as aulas do círculo de leitura.

Atenção, professor!

Ler o texto que consta neste Guia *Como aplicar os círculos de leitura na escola?* que demonstra de forma detalhada e clara o que é círculo literário.

Aula 02: Apresentar aos alunos quem foi Machado de Assis e entregar a eles o conto O Espelho

- Fazer uma breve apresentação sobre o início do conto no Brasil, falar sobre o escritor Machado de Assis e o conto O Espelho.

Contar para os alunos:

Não se sabe quando o conto teve início no Brasil, porém alguns motivos podem ter contribuído para o não reconhecimento dos contos na época, a saber: não tinha prestígio, como aconteceu quando surgiu o romance; e havia dificuldade em nomear esse gênero. Porém, o que há de informação é que as origens dos contos partem das publicações que ocorriam em jornais em meados do século XIX e que eram diferentes dos contos modernos que vieram a ser publicados. Com o passar do tempo, outros estilos de contos foram surgindo. (PARRINE, 2009, p. 472-484,)

Joaquim Maria Machado de Assis escreveu aproximadamente duzentos contos, que foram publicados em jornais e revistas (femininas), selecionando temas que revelavam a sociedade da época, observando a moral, os costumes e as relações humanas da cidade do Rio de Janeiro. Assim, os diversos personagens de Machado revelaram que a essência do ser humano, é parecida em qualquer lugar.

Machado inovou com seus contos permitindo que o leitor dê sentidos aos textos. Nesse sentido, os contos machadianos se renovam a cada leitura que o leitor faz, permite que o indivíduo se envolva com a leitura, ultrapassa o tempo em que foi escrito, levando o leitor a fugir da rotina do dia a dia, a

vivenciar dilemas do ser humano, além de interpretar as ironias e o sarcasmo presentes na escrita de Machado de Assis. (SARAIVA, 2010)

O conto O Espelho faz parte do livro de contos Papéis Avulsos, que foi publicado em 1882 por Machado de Assis. Esse conto proporciona ao leitor refletir sobre a vivência das pessoas em sociedade, além dos enfrentamentos que o ser humano tem consigo mesmo. (LIGOSKI, 2011, p. 181-191)

- Entregar uma cópia do conto O Espelho aos alunos.

O conto encontra-se no portal Domínio Público e teve o texto formatado neste Guia para adequar-se ao padrão de formatação deste documento. Acesse aqui: [O espelho](#).

- Pedir aos alunos que façam uma leitura silenciosa do texto para conhecerem ou relembrar do conto.
- Ler em voz alta, revezando a leitura com os alunos.

Atenção, professor!

Rerler neste Guia Proposta metodológica de círculos de leitura para alunos das séries finais do ensino fundamental e médio para colocar o círculo em prática, pois este é o primeiro círculo de leitura com os alunos e, para haver sucesso nesta metodologia, é essencial seguir os procedimentos da modelagem propostos por Cosson (2020; 2021) para os alunos entenderem todo o processo do círculo de leitura.

LER O CONTO: O espelho

Esboço de uma nova teoria da alma humana

Quatro ou cinco cavalheiros debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência, sem que a disparidade dos votos trouxesse a menor alteração aos espíritos. A casa ficava no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumada a velas, cuja luz fundia-se misteriosamente com o luar que vinha de fora. Entre a cidade, com as suas agitações e aventuras, e o céu, em que as estrelas pestanejavam, através de uma atmosfera límpida e sossegada, estavam os nossos quatro ou cinco investigadores de coisas metafísicas, resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo.

Por que quatro ou cinco? Rigorosamente eram quatro os que falavam; mas, além deles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação. Esse homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico. Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão é a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna. Como desse esta mesma resposta naquela noite, contestou-lha um dos presentes, e desafiou-o a demonstrar o que dizia, se era capaz. Jacobina (assim se chamava ele) refletiu um instante, e respondeu:

-Pensando bem, talvez o senhor tenha razão.

Vai senão quando, no meio da noite, sucedeu que este casmurro usou da palavra, e não dois ou três minutos, mas trinta ou quarenta. A conversa, em seus meandros, veio a cair na natureza da alma, ponto que dividiu radicalmente os quatro amigos. Cada cabeça, cada sentença; não só o acordo, mas a mesma discussão tornou-se difícil, senão impossível, pela multiplicidade das questões que se deduziram do tronco principal e um pouco, talvez,

pela inconsistência dos pareceres. Um dos argumentadores pediu ao Jacobina alguma opinião, - uma conjectura, ao menos.

- Nem conjectura, nem opinião, redarguiu ele; uma ou outra pode dar lugar a dissentimento, e, como sabem, eu não discuto. Mas, se querem ouvir-me calados, posso contar-lhes um caso de minha vida, em que ressalta a mais clara demonstração acerca da matéria de que se trata. Em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas...

- Duas?

- Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro...

- Espantem-se à vontade, podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir. A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; - e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor, etc. Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das

metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira. Shylock, por exemplo. A alma exterior aquele judeu eram os seus ducados; perdê-los equivalia a morrer. "Nunca mais verei o meu ouro, diz ele a Tubal; é um punhal que me enterras no coração." Vejam bem esta frase; a perda dos ducados, alma exterior, era a morte para ele. Agora, é preciso saber que a alma exterior não é sempre a mesma...

- Não?

- Não, senhor; muda de natureza e de estado. Não aludo a certas almas absorventes, como a pátria, com a qual disse o Camões que morria, e o poder, que foi a alma exterior de César e de Cromwell. São almas enérgicas e exclusivas; mas há outras, embora enérgicas, de natureza mudável. Há cavalheiros, por exemplo, cuja alma exterior, nos primeiros anos, foi um chocalho ou um cavalinho de pau, e mais tarde uma provedoria de irmandade, suponhamos. Pela minha parte, conheço uma senhora, - na verdade, gentilíssima, - que muda de alma exterior cinco, seis vezes por ano. Durante a estação lírica é a ópera; cessando a estação, a alma exterior substitui-se por outra: um concerto, um baile do Cassino, a rua do Ouvidor, Petrópolis...

- Perdão; essa senhora quem é?

- Essa senhora é parenta do diabo, e tem o mesmo nome; chama-se Legião... E assim outros mais casos. Eu mesmo tenho experimentado dessas trocas. Não as relato, porque iria longe; restrinjo-me ao episódio de que lhes falei. Um episódio dos meus vinte e cinco anos...

Os quatro companheiros, ansiosos de ouvir o caso prometido, esqueceram a controvérsia. Santa curiosidade! tu não és só a alma da civilização, és também o pomo da concórdia, fruta divina, de outro sabor que não aquele pomo da mitologia. A sala, até há pouco ruidosa de física e metafísica, é agora um mar morto; todos os olhos estão no Jacobina, que conserta a ponta do charuto, recolhendo as memórias. Eis aqui como ele começou a narração:

- Tinha vinte e cinco anos, era pobre, e acabava de ser nomeado alferes da Guarda Nacional. Não imaginam o acontecimento que isto foi em nossa casa. Minha mãe ficou tão orgulhosa! tão contente! Chamava-me o seu alferes. Primos e tios, foi tudo uma alegria sincera e pura. Na vila, note-se bem, houve alguns despeitados; choro e ranger de dentes, como na Escritura; e o motivo não foi outro senão que o posto tinha muitos candidatos e que esses perderam. Suponho também que uma parte do desgosto foi inteiramente gratuita: nasceu da simples distinção. Lembra-me de alguns rapazes, que se davam comigo, e passaram a olhar-me de revés, durante algum tempo. Em compensação, tive

muitas pessoas que ficaram satisfeitas com a nomeação; e a prova é que todo o fardamento me foi dado por amigos... Vai então uma das minhas tias, D. Marcolina, viúva do Capitão Peçanha, que morava a muitas léguas da vila, num sítio escuso e solitário, desejou ver-me, e pediu que fosse ter com ela e levasse a farda. Fui, acompanhado de um pajem, que daí a dias tornou à vila, porque a tia Marcolina, apenas me pilhou no sítio, escreveu a minha mãe dizendo que não me soltava antes de um mês, pelo menos. E abraçava-me! Chamava-me também o seu alferes. Achava-me um rapagão bonito. Como era um tanto patusca, chegou a confessar que tinha inveja da moça que houvesse de ser minha mulher. Jurava que em toda a província não havia outro que me pusesse o pé adiante.

E sempre alferes; era alferes para cá, alferes para lá, alferes a toda a hora. Eu pedia-lhe que me chamasse Joãozinho, como dantes; e ela abanava a cabeça, bradando que não, que era o "senhor alferes". Um cunhado dela, irmão do finado Peçanha, que ali morava, não me chamava de outra maneira. Era o "senhor alferes", não por gracejo, mas a sério, e à vista dos escravos, que naturalmente foram pelo mesmo caminho. Na mesa tinha eu o melhor lugar, e era o primeiro servido. Não imaginam. Se lhes disser que o entusiasmo da tia Marcolina chegou ao ponto de mandar pôr no meu quarto um grande espelho, obra rica e magnífica, que destoava do resto da casa, cuja mobília era modesta e simples...

Era um espelho que lhe dera a madrinha, e que esta herdara da mãe, que o comprara a uma das fidalgas vindas em 1808 com a corte de D. João VI. Não sei o que havia nisso de verdade; era a tradição. O espelho estava naturalmente muito velho; mas via-se-lhe ainda o ouro, comido em parte pelo tempo, uns delfins esculpidos nos ângulos superiores da moldura, uns enfeites de madreperola e outros caprichos do artista. Tudo velho, mas bom...

- Espelho grande?

- Grande. E foi, como digo, uma enorme fineza, porque o espelho estava na sala; era a melhor peça da casa. Mas não houve forças que a demovessem do propósito; respondia que não fazia falta, que era só por algumas semanas, e finalmente que o "senhor alferes" merecia muito mais. O certo é que todas essas coisas, carinhos, atenções, obséquios, fizeram em mim uma transformação, que o natural sentimento da mocidade ajudou e completou. Imaginam, creio eu?

- Não.

- O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade.

Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado. Custa-lhes acreditar, não?

- Custa-me até entender, respondeu um dos ouvintes.

- Vai entender. Os fatos explicarão melhor os sentimentos: os fatos são tudo. A melhor definição do amor não vale um beijo de moça namorada; e, se bem me lembro, um filósofo antigo demonstrou o movimento andando.

Vamos aos fatos. Vamos ver como, ao tempo em que a consciência do homem se obliterava, a do alferes tornava-se viva e intensa. As dores humanas, as alegrias humanas, se eram só isso, mal obtinham de mim uma compaixão apática ou um sorriso de favor. No fim de três semanas, era outro, totalmente outro. Era exclusivamente alferes. Ora, um dia recebeu a tia Marcolina uma notícia grave; uma de suas filhas, casada com um lavrador residente dali a cinco léguas, estava mal e à morte.

Adeus, sobrinho! adeus, alferes! Era mãe extremosa, armou logo uma viagem, pediu ao

cunhado que fosse com ela, e a mim que tomasse conta do sítio. Creio que, se não fosse a aflição, disporia o contrário; deixaria o cunhado e iria comigo. Mas o certo é que fiquei só, com os poucos escravos da casa. Confesso-lhes que desde logo senti uma grande opressão, alguma coisa semelhante ao efeito de quatro paredes de um cárcere, subitamente levantadas em torno de mim. Era a alma exterior que se reduzia; estava agora limitada a alguns espíritos boçais. O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil. Os escravos punham uma nota de humildade nas suas cortesias, que de certa maneira compensava a afeição dos parentes e a intimidade doméstica interrompida. Notei mesmo, naquela noite, que eles redobravam de respeito, de alegria, de protestos. Nhô alferes, de minuto a minuto; nhô alferes é muito bonito; nhô alferes há de ser coronel; nhô alferes há de casar com moça bonita, filha de general; um concerto de louvores e profecias, que me deixou extático. Ah! pérfidos! mal podia eu suspeitar a intenção secreta dos malvados.

-Matá-lo?

-Antes assim fosse.

-Coisa pior?

-Ouçam-me. Na manhã seguinte achei-me só. Os velhacos, seduzidos por outros, ou de movimento próprio, tinham resolvido fugir durante a noite; e assim fizeram. Achei-me só, sem mais ninguém, entre quatro paredes, diante do terreiro deserto e da roça abandonada. Nenhum fôlego humano. Corri a casa toda, a senzala, tudo; ninguém, um molequinho que fosse. Galos e galinhas tão-somente, um par de mulas, que filosofavam a vida, sacudindo as moscas, e três bois. Os mesmos cães foram levados pelos escravos. Nenhum ente humano. Parece-lhes que isto era melhor do que ter morrido? era pior.

Não por medo; juro-lhes que não tinha medo; era um pouco atrevidinho, tanto que não senti nada, durante as primeiras horas. Fiquei triste por causa do dano causado à tia Marcolina; fiquei também um pouco perplexo, não sabendo se devia ir ter com ela, para lhe dar a triste notícia, ou ficar tomando conta da casa. Adotei o segundo alvitre, para não desamparar a casa, e porque, se a minha prima enferma estava mal, eu ia somente aumentar a dor da mãe, sem remédio nenhum; finalmente, esperei que o irmão do tio Peçanha voltasse naquele dia ou no outro, visto que tinha saído havia já trinta e seis horas. Mas a manhã passou sem vestígio dele; à tarde comecei a sentir a sensação como de pessoa que houvesse perdido toda a ação nervosa, e não tivesse consciência da ação muscular. O irmão do tio Peçanha não voltou nesse dia, nem no outro, nem

em toda aquela semana. Minha solidão tomou proporções enormes.

Nunca os dias foram mais compridos, nunca o sol abrasou a terra com uma obstinação mais cansativa. As horas batiam de século a século no velho relógio da sala, cuja pêndula tic-tac, tic-tac, feria-me a alma interior, como um piparote contínuo da eternidade. Quando, muitos anos depois, li uma poesia americana, creio que de Longfellow, e topei este famoso estribilho: Never, for ever! -For ever, never! confesso-lhes que tive um calafrio: recordei-me daqueles dias medonhos. Era justamente assim que fazia o relógio da tia Marcolina: - Never, for ever! -For ever, never! Não eram golpes de pêndula, era um diálogo do abismo, um cochicho do nada. E então de noite! Não que a noite fosse mais silenciosa. O silêncio era o mesmo que de dia. Mas a noite era a sombra, era a solidão ainda mais estreita, ou mais larga. Tic-tac, tic-tac. Ninguém, nas salas, na varanda, nos corredores, no terreiro, ninguém em parte nenhuma... Riem-se?

- Sim, parece que tinha um pouco de medo.

- Oh! fora bom se eu pudesse ter medo! Viveria. Mas o característico daquela situação é que eu nem sequer podia ter medo, isto é, o medo vulgarmente entendido. Tinha uma sensação inexplicável. Era como um defunto andando, um sonâmbulo, um boneco mecânico. Dormindo, era outra coisa. O

sono dava-me alívio, não pela razão comum de ser irmão da morte, mas por outra. Acho que posso explicar assim esse fenômeno: -o sono, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava atuar a alma interior. Nos sonhos, fardava-me orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam alferes; vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major; e tudo isso fazia-me viver.

Mas quando acordava, dia claro, esvaía-se com o sono a consciência do meu ser novo e único -porque a alma interior perdia a ação exclusiva, e ficava dependente da outra, que teimava em não tornar... Não tornava. Eu saía fora, a um lado e outro, a ver se descobria algum sinal de regresso. Soeur Anne, soeur Anne, ne vois-tu rien venir? Nada, coisa nenhuma; tal qual como na lenda francesa. Nada mais do que a poeira da estrada e o capinzal dos morros. Voltava para casa, nervoso, desesperado, estirava-me no canapé da sala. Tic-tac, tic-tac. Levantava-me, passeava, tamborilava nos vidros das janelas, assobiava. Em certa ocasião lembrei-me de escrever alguma coisa, um artigo político, um romance, uma ode; não escolhi nada definitivamente; sentei-me e tracei no papel algumas palavras e frases soltas, para intercalar no estilo. Mas o estilo, como tia Marcolina, deixava-se estar. Soeur Anne, soeur Anne...

Coisa nenhuma. Quando muito via negrejar a tinta e alvejar o papel.

-Mas não comia?

-Comia mal, frutas, farinha, conservas, algumas raízes tostadas ao fogo, mas suportaria tudo alegremente, se não fora a terrível situação moral em que me achava. Recitava versos, discursos, trechos latinos, liras de Gonzaga, oitavas de Camões, décimas, uma antologia em trinta volumes. As vezes fazia ginástica; outra dava beliscões nas pernas; mas o efeito era só uma sensação física de dor ou de cansaço, e mais nada. Tudo silêncio, um silêncio vasto, enorme, infinito, apenas sublinhado pelo eterno tic-tac da pêndula. Tic-tac, tic-tac...

-Na verdade, era de enlouquecer.

-Vão ouvir coisa pior. Convém dizer-lhes que, desde que ficara só, não olhara uma só vez para o espelho. Não era abstenção deliberada, não tinha motivo; era um impulso inconsciente, um receio de achar-me um e dois, ao mesmo tempo, naquela casa solitária; e se tal explicação é verdadeira, nada prova melhor a contradição humana, porque no fim de oito dias deu-me na veneta de olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dois. Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura

nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra. A realidade das leis físicas não permite negar que o espelho reproduziu-me textualmente, com os mesmos contornos e feições; assim devia ter sido. Mas tal não foi a minha sensação.

Então tive medo; atribuí o fenômeno à excitação nervosa em que andava; receei ficar mais tempo, e enlouquecer. - Vou-me embora, disse comigo. E levantei o braço com gesto de mau humor, e ao mesmo tempo de decisão, olhando para o vidro; o gesto lá estava, mas disperso, esgaçado, mutilado... Entrei a vestir-me, murmurando comigo, tossindo sem tosse, sacudindo a roupa com estrépito, afligindo-me a frio com os botões, para dizer alguma coisa. De quando em quando, olhava furtivamente para o espelho; a imagem era a mesma difusão de linhas, a mesma decomposição de contornos... Continuei a vestir-me.

Subitamente por uma inspiração inexplicável, por um impulso sem cálculo, lembrou-me... Se forem capazes de adivinhar qual foi a minha idéia...

-Diga.

-Estava a olhar para o vidro, com uma persistência de desesperado, contemplando as próprias feições derramadas e inacabadas, uma nuvem de linhas

soltas, informes, quando tive o pensamento... Não, não são capazes de adivinhar.

-Mas, diga, diga.

-Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho. Imaginai um homem que, pouco a pouco, emerge de um letargo, abre os olhos sem ver, depois começa a ver, distingue as pessoas dos objetos, mas não conhece individualmente uns nem outros; enfim, sabe que este é Fulano, aquele é Sicrano; aqui está uma cadeira, ali um sofá. Tudo volta ao que era antes do sono. Assim foi comigo. Olhava para o espelho, ia de um lado para outro, recuava, gesticulava, sorria e o vidro exprimia tudo. Não era mais um autômato, era um ente animado. Daí em diante, fui outro. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com este regime pude atravessar mais seis dias de solidão sem os sentir...

Quando os outros voltaram a si, o narrador tinha descido as escadas.

Disponível em: <<https://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/itemlist/category/24-conto>>. Acesso em 12 mar.2023.

Atenção, professor!

Selecionar alguns trechos/passagens do conto e explanar a leitura com os alunos, pois esse é (acreditamos ser) o primeiro contato dos estudantes com o círculo de leitura.

- Evitar formular perguntas típicas de questionário. Sua tarefa é fazer com que o aluno dê respostas precisas, e não qualquer resposta que não esteja apropriada à finalidade a que se destina. (VILLARDI, 2010)

Aula 03: Formar os grupos de leitura e distribuir funções aos alunos

- Dividir a turma em grupos de no máximo cinco alunos, pois há mais participação nas leituras e discussões com grupos menores.
- Elaborar um contrato de convivência com os alunos.

CONTRATO DE CONVIVÊNCIA

I-Dos direitos

1-Todos têm o direito de participar igualmente das atividades do círculo de leitura.

2-Todos têm o direito de expressar suas ideias e opiniões, considerando o respeito aos demais participantes.


3-Todos têm o direito de fazer uso dos recursos materiais, equipamentos e instrumentos que foram disponibilizados para a execução das atividades do círculo de leitura.

II-Dos deveres

4-É dever de todos respeitar uns aos outros, agindo cordialmente e solidariamente, mesmo quando as ideias, opiniões e atitudes forem diferentes das suas, sendo vedado qualquer tipo de agressão, preconceito e discriminação.

5-É dever de todos a participação efetiva nas atividades do círculo de leitura, sendo vedada a realização de outras atividades não previstas no planejamento do professor.

6-É dever de todos a dedicação na execução das atividades do círculo de leitura, vedado o uso de

 aparelhos eletrônicos nesses momentos, salvo quando for solicitado para o desenvolvimento da atividade.

III-Das sanções

7-Todas as sanções disciplinares de que trata o Código Disciplinar Discente da escola serão aplicadas, havendo necessidade, no círculo de leitura.

IV-Participantes

Coleta de assinaturas.

Fonte: Modelo adaptado – **Clube juvenil**. [202?].

- Conversar com os alunos sobre a leitura, a organização dos grupos, e outro assunto que considerar ser relevante no que se refere a orientação dos círculos de leitura.
- Deixar que o aluno escolha o papel de cada integrante: questionador, iluminador de passagens, conector, dicionarista, sintetizador, pesquisador, analista de personagem, registrador/notário. Vale lembrar que alguns terão funções repetidas, ou, então, algumas podem não ser executadas pelos alunos. Também é essencial que cada grupo tenha um líder para coordenar os trabalhos do grupo.

Membros do grupo:		
Título da obra que está lendo:		
Alternância dos papéis no grupo:		
Nome	Data	Função
		questionador
		iluminador de passagens
		conector
		dicionarista
		sintetizador
		pesquisador
		analista de personagem
		registrador/ notário

Fonte: Adaptado de MOEN (2004).

Atenção, Professor!

Conversar com os alunos sobre a importância dos papéis que cada participante desempenhará e auxiliar os alunos a elegerem um líder para cada grupo. Entretanto, por se tratar de um texto curto, não há troca de função dos participantes e nem cronograma de encontros.

O detalhamento das funções encontra-se neste Guia em Proposta metodológica de círculos de leitura para alunos das séries finais do ensino fundamental (8^o e 9^o) e médio (1^a a 3^a série).

- Dividir os alunos em grupos e distribuí-los de acordo com as funções para que leiam e discutam o conto. Essa função pode ser delegada ao líder de cada grupo. Ainda, é essencial que o líder auxilie nas funções já estabelecidas pelos participantes, nas perguntas e respostas que irão surgir, além de estar atento as anotações que um aluno ou alunos farão no diário de leitura (caderno de registro) das discussões realizadas.


Aula 04: Realizar o encontro dos grupos para leitura/discussão

- Organizar os grupos para o compartilhamento de leituras.

Questões para debate que podem aparecer sobre o conto:

- Por que Machado inicia o conto com um subtítulo “Esboço de uma nova teoria da alma humana”?
- Quem sou eu? Quem é o outro?
- É possível viver de aparências?
- Como você alimenta sua alma?

- A função que uma pessoa exerce no trabalho, pode fazer com que ela mude seu comportamento/ sua personalidade?
- O objeto espelho aparece na história de Branca de Neve e no Mito de Narciso. O que pode ser relacionado com o conto O Espelho?



Atenção, professor!

Ler o conto e fazer suas inferências no texto, além de pesquisar o que outros estudiosos pensam sobre o conto O espelho. Neste Guia em **Para saber mais...** há materiais para estudos. Assim, você poderá contribuir ainda mais no processo de mediação da leitura com os alunos.

- Entregar as fichas para os alunos preencherem a autoavaliação e avaliação da leitura do conto. O preenchimento da ficha pode ser individual ou coletivo.

Avaliação: participação no grupo			
Nome: _____			
Obra: _____			
Função: _____			
Preencha com um X o que melhor se encaixa para você.			
Sentenças	Sempre	Às vezes	Raramente
1. Participei ativamente no grupo durante as discussões realizadas.			
2. Respeitei a opinião do outro e questionei quando foi preciso.			
3. Encorajei o outro a falar.			
4. Não colaborei com a discussão.			
5. Fiz os registros do meu grupo e dos grupos da turma.			
6. Colaborei em todas as funções exercidas no grupo.			
7. Avaliei os encontros ajudando nos comentários do grupo.			

Fonte: Adaptado de COSSON (2021) e MOEN (2004)

Observações que julgar necessárias:

- Pedir aos alunos que, após a entrega das fichas, caso queiram, eles podem relatar como foi a experiência com o círculo de leitura.



CONSIDERAÇÕES FINAIS



Prezados professores,

Ao longo deste Guia, procuramos apresentar para vocês um material que pudesse contribuir com o letramento literário em sala de aula. Também deixamos claro que os círculos de leitura podem acontecer em qualquer outro espaço não-formal de educação, tais como: biblioteca, igreja, pátio da escola, etc; independentemente da idade do indivíduo.

Ainda, mostramos que os círculos de leitura não são:

- solução para resolver dificuldades de leitura e de escrita na escola;
- remédio para curar a solidão e o individualismo das pessoas;
- atividades isoladas responsáveis por ajudar a formação do leitor (COSSON, 2020; 2021).

Embora não tenhamos discutido diretamente sobre o papel da biblioteca escolar, consideramos ser relevante que este espaço seja ocupado pelo potencial que ele oferece, seja no que se refere ao acervo bibliográfico, seja ao que se refere ao espaço físico, seja ao que se refere ao profissional capacitado que nele se encontra. Isso tudo contribui para a formação de leitores.

Além do bibliotecário, em ambiente escolar, há outros professores ou profissionais que também podem ser convidados a fazerem parte dos círculos de leitura. Pois, “um círculo de leitura é uma prática de letramento literário de grande impacto tanto para quem participa quanto para o espaço onde ele acontece” (COSSON, 2020, p. 177).

Portanto, professor, faça a sua parte! Coloque o círculo de leitura em prática. Seu papel vai além de ser um reprodutor de aulas. Você deve permitir que seu aluno tenha amplo acesso aos textos literários de forma prazerosa; visto que, a literatura é uma das maneiras de o ser humano ter acesso a “uma educação unitária”, pois essa educação “pressupõe que todos tenham acesso aos conhecimentos, à cultura e às mediações necessárias para trabalhar e para produzir a existência e a riqueza social” (RAMOS, 2008, p. 2).

Enfim, entendemos, que o sujeito, ao se apropriar da literatura, além de desenvolver o pensamento crítico e de atribuir novos sentidos e significados à obra literária lida, também aprende a fazer a leitura de uma maneira mais ampla, de modo a relacionar a obra lida, ou em estudo, com as questões culturais, sociais e ideológicas do tempo presente.

Bom trabalho!



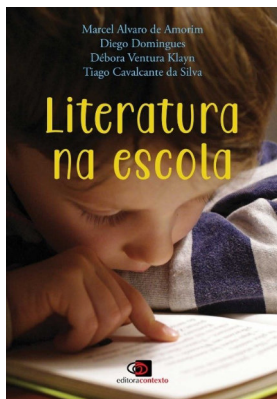
PARA SABER MAIS...

Indicações de obras e vídeo para estudos sobre leitura, literatura, letramento literário e círculos de leitura.

Em todas as indicações, colocamos as sinopses que constam nos livros.

Livros

1 - Literatura na escola



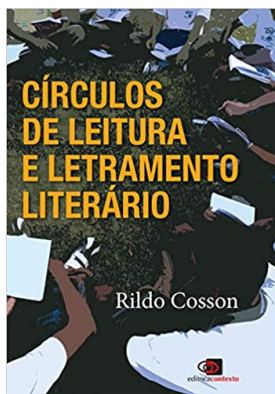
(Marcel Álvaro; Diego Domingues, Débora Ventura Klayn e Tiago Cavalcanti da Silva)

Muitos professores de língua portuguesa e de literaturas do ensino básico já devem ter se perguntado: “Qual o objetivo de ensinar literatura para meus alunos?”. E ainda: “Como despertar o interesse dos alunos pelo texto literário?”. Neste livro, os autores abordam o uso da literatura no ensino fundamental e médio, qual a relevância dos saberes literários para os alunos de hoje e quais os principais desafios na hora de apresentar textos literários na sala de aula. Além disso, atualizam as discussões teóricas em torno do ensinar e do aprender literatura, retomando conceitos importantes da área, explicando-os e ampliando-os. Ousada e inovadora, esta obra propõe ainda atividades concretas de práticas de letramentos literários.

Disponível neste link



2 – Círculos de leitura e letramento literário



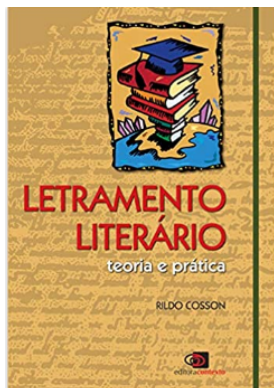
(Rildo Cosson)

Quando um grupo de pessoas se reúne com o objetivo comum de discutir a leitura de uma obra em qualquer local – dentro da escola, em bibliotecas, cafés ou livrarias, na casa de amigos e até mesmo em discussões on-line – estamos diante de um círculo de leitura. Rara é a cidade que não possui um grupo de senhoras lendo livros; adolescentes que se encontram para jogar RPG, declamar seus textos favoritos e discutir os autores; crianças que se sentam em roda para ouvir a história contada pelo animador da área de recreação; alunos de todas as idades que descobrem o prazer de compartilhar leituras com seus colegas na sala de aula e na biblioteca da escola. Neste livro, Rildo Cosson, professor e especialista na área de Literatura, apresenta uma proposta de organização e de funcionamento de círculos de leitura, orientando e oferecendo embasamento e sugestões de atividades para auxiliar tanto educadores na formação de leitores quanto os próprios leitores. Abarcando uma grande diversidade de interesses de leitura, o autor convida o leitor a formar o seu próprio círculo.

Disponível neste link



3 - Letramento Literário: teoria e prática



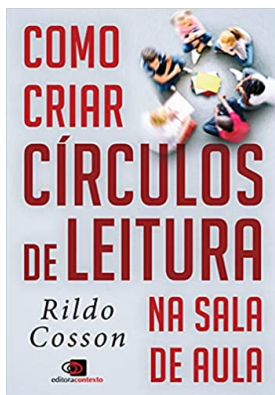
(Rildo Cosson)

Escrito para professores que desejam fazer do letramento literário uma atividade significativa para si e para seus alunos, este livro mostra como reformular, fortalecer e ampliar o estímulo à leitura no Ensino Básico para além das práticas usuais. O autor, de forma sutil e prazerosa, desata os nós da relação entre literatura e educação, propõe a construção de uma comunidade de leitores nas salas de aula e sugere oficinas para o professor adaptar seu trabalho ao letramento literário.

Disponível neste link



4 - Como criar Círculos de Leitura na sala de aula



(Rildo Cosson)

A importância da literatura na formação do leitor é inegável. E não há dúvidas em relação ao papel fundamental das escolas nessa missão. Mas como estimular a leitura de forma envolvente e com qualidade dentro da sala de aula? Neste manual prático e voltado ao professor do ensino fundamental, Rildo Cosson, referência no tema, apresenta um guia sobre como ensinar literatura por meio de círculos de leitura. O autor traz um passo a passo didático de como implementar um círculo de leitura na escola, oferecendo aos docentes formas de se apropriar dessa estratégia como uma ferramenta essencial de letramento literário.

Disponível neste link



5 - Paradigmas do ensino da literatura



(Rildo Cosson)

Como crianças e jovens aprendem literatura nas escolas? O ensino da literatura passou por transformações ao longo da história que podem ser lidas como uma sucessão de paradigmas. O professor Rildo Cosson, autor de *Letramento literário* e *Círculos de leitura e letramento literário*, dedica neste novo livro um capítulo para cada um dos paradigmas presentes na área

no Brasil, descrevendo e analisando seus elementos constitutivos, além de elucidar aspectos conceituais, metodológicos e pragmáticos.

A obra torna mais claras as opções que ora se apresentam para o ensino escolar da literatura, enquanto possibilita o estabelecimento de diretrizes pedagógicas coerentes, o planejamento de longo prazo e a execução mais consistente das aulas.

Destinado a professores do ensino básico e alunos dos cursos de Letras e Pedagogia, mas também a todos os profissionais envolvidos com a leitura literária na escola e em outros espaços formativos, o livro é um convite ao diálogo e à reflexão sobre o ensino de literatura em nosso país.

Disponível neste link



6 - Leitura de literatura na escola



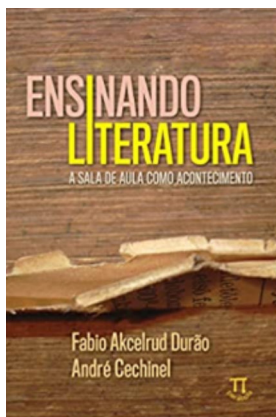
(Maria Amélia Dalvi; Neide Luzia de Rezende e Rita Jover-Faleiros- orgs.)

Como pensar as relações entre literatura e escola em tempos como os nossos? É possível (e mais: é desejável) potencializar a literatura na formação de crianças e jovens, pela via educacional? Que mudanças são necessárias? O que sabemos, podemos e queremos em relação às práticas escolares atinentes à literatura? Qual o papel da literatura na educação e, particularmente, na escola? Nas últimas quatro décadas, tem havido intensa discussão sobre literatura e educação e uma crítica ferrenha às práticas escolares de (não)leituras literárias. Ao contrário do ensino de língua — que, aos poucos, vai se renovando —, a literatura na escola resiste às mudanças e se vê relegada a lugar secundário e sem força na formação das crianças, dos adolescentes e dos jovens. Com o refinamento das novas tecnologias e a adesão dos estudantes a elas, reforçam-se algumas problemáticas a partir das quais se tornou premente reunir neste livro professores e pesquisadores para pensar a respeito de: O que se ensinaria se de fato se “ensinasse literatura”?

Disponível neste link



7 - Ensinando literatura: a sala de aula como acontecimento



(Fábio Akcelrud Durão e André Cechinel)

O ensino de literatura passa hoje por uma grave crise. Paralelamente à crescente perda de espaço curricular na educação básica, as obras literárias têm sido deixadas em segundo plano ou simplesmente abandonadas em sala de aula. A dinâmica dos cursinhos e vestibulares adentra a escola, projeta uma imagem distorcida da literatura e burocratiza o contato com os objetos. Já os estilos de época se antecipam à leitura, controlam o campo conceitual das obras e acabam por prescindir dos próprios materiais que buscam descrever. O cenário não é necessariamente mais auspicioso na universidade. Não bastasse a constante substituição das disciplinas específicas de literatura por conteúdos gerais da área de educação — que pouco ou nada têm a dizer sobre os estudos literários —, os cursos de Letras mostram-se cada vez mais interessados em teorizações que devem ser mecanicamente aplicadas às obras. Tudo isso afasta o aluno da literatura. Ensinando literatura: a sala de aula como acontecimento oferece uma alternativa a esse estado de coisas. Ao valorizar a experiência da leitura e o caráter processual da interpretação, o livro insiste na literatura como

materialidade enfática que solicita um movimento particular e produtivo para a elaboração de hipóteses de leitura. Incrivelmente, a sala de aula é um ambiente bastante propício para a construção da imediaticidade como procedimento de leitura, supondo uma relação com o caráter singular dos objetos. Não é gratuito, portanto, o gerúndio do título do volume. Além de enfatizar o objeto, ensinar literatura não apenas concebe a sala de aula como acontecimento, mas convida o leitor a converter em acontecimento a sua própria leitura.

Disponível neste link



8 - Letramento: um tema em três gêneros



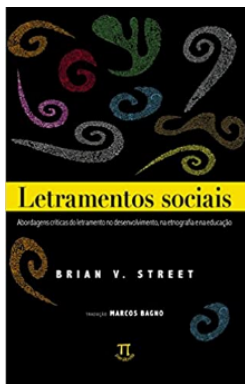
(Magda Soares)

O leitor pretendido para este livro é aquele que se interessa por letramento e alfabetização, por habilidades e práticas sociais de leitura e escrita, e também por uma análise discursiva das práticas de produção de texto e de leitura. A autora enfoca o tema - letramento - em três textos distintos, produzidos sob diferentes condições e circunstâncias, para três tipos diferentes de leitores.

Disponível neste link



9 - Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação



(Brian Street, traduzido por Marcos Bagno)

Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação desenvolve abordagens alternativas e críticas à concepção de letramento numa perspectiva internacional. Representa parte da tendência atual rumo a uma consideração mais ampla do letramento como práticas sociais, focalizando a natureza social da leitura e da escrita e o caráter múltiplo das práticas letradas, valendo-se de perspectivas transculturais. Street enfatiza a natureza social do letramento, em oposição ao que denomina perspectiva “autônoma” do letramento, orientada para as habilidades. Reconhecendo que existem múltiplos letramentos praticados em contextos reais, sugere aos leitores que rejeitem a teoria da “grande divisão”, que adota uma visão etnocêntrica e hierárquica, privilegiando uma forma particular de letramento sobre as muitas variedades que a pesquisa agora mostra existir mundo afora. Em contraposição a essa perspectiva, Street propõe um modelo “ideológico” de letramento, segundo o qual as práticas de leitura e escrita estão sempre inseridas não só

em significados culturais, mas em posições ideológicas sobre o que conta como “letramento” e nas relações de poder a ele associadas. O quadro no qual a pesquisa sobre letramento é conduzida ainda está sendo reconfigurado para incorporar questões complexas como poder, identidade e agência. Uma razão importante para escolher traduzir este livro em particular, entre os diversos que Brian escreveu, para um público brasileiro é que agora, no Brasil, várias dessas questões estão sendo abordadas — tanto os aspectos teóricos relativos aos múltiplos letramentos quanto as políticas relativas ao tratamento da leitura e da escrita dentro e fora da escola.

Disponível neste link



10 - Escola e leitura: velha crise, novas alternativas



(Regina Zilberman e Tânia M. K. Rösing – orgs.)

Os textos aqui apresentados têm como objetivo discutir a leitura da literatura na escola; porém reconhecendo que o tempo passou e hoje são outras as necessidades tanto dos professores como dos alunos. Neste sentido, se renovaram os enfoques e as perspectivas se ampliaram, clamando para novas respostas e alternativas para formar leitores de textos literários.

Disponível neste link



Artigo

BOSSI, Alfredo. O duplo espelho em um conto de Machado de Assis. *Estudos Avançados* 28 (80), 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/79696/83698>>. Acesso em: 22 jan. 2023.

Vídeo

FELTRIN, Tatiana. [CONTO] O Espelho (Machado de Assis). Ligando livros às pessoas. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=i4nmTp7-wxA>>. Acesso em: 22 jan. 2023.

REFERÊNCIAS



AMORIM, Marcel Álvaro de; DOMINGUES, Diego; KLAYN, Débora Ventura; SILVA, Tiago Cavalcanti da. **Literatura na escola**. São Paulo: Contexto, 2022. Disponível em: < <https://www.editoracontexto.com.br/produto/literatura-na-escola/4978558>>. Acesso em: 11 de mar. 2023.

ASSIS, Machado. Vida e obra: papéis avulsos. In: **Obra Completa, de Machado de Assis**, vol. II, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1994. Disponível em: < <https://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/item-list/category/24-conto>>. Acesso em 12 mar.2023.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023: Informação e documentação: Referências**. Rio de Janeiro. 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6029: Informação e documentação: Livros e folhetos**. Rio de Janeiro. 2006.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS

TÉCNICAS. NBR 10520: Informação e documentação: citações em documentos - apresentação. Rio de Janeiro. 2002.

BOSI, Alfredo Bosi. O duplo espelho em um conto de Machado de Assis. **Estudos Avançados**, 28 (80) 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/79696>>. Acesso em: 12 jan.2023.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Duas cidades: Ouro sobre azul. São Paulo; Rio de Janeiro. 2004.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2020. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Letramento-Liter%C3%A1rio-Teoria-Pr%C3%A1tica-Cosson/dp/8572443096/ref=asc_df_8572443096/?tag=googleshopp00-20&linkCode=df0&hvaddid=379725089268&hvpos=&hvnetw=g&hvrnd=13361296442492195000&hvpon=&hvptwo=&hvqmt=&hvdev=c&hvdvcmidl=&hvlocint=&hvlocphy=1001566&hvtargid=pla-396777589904&psc=1>. Acesso em: 11 de mar. 2023.

COSSON, Rildo. **Como criar círculos de leitura na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2021. Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/Como-criar-c%C3%ADrculos-leitura-sala/dp/6555411341>>. Acesso em: 11 de mar. 2023.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática.** 2.ed. 11ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021a. Disponível em: <https://www.estantevirtual.com.br/livros/rildo-cosson/letramento-literario-teoria-e-pratica/773159483?livro_novo=1&b_order=preco&gclid=Cj0KCQjw2cWgBhDYARIsALggUhoFsrOFnqJEhZ6j7gZsdxA48tP1yjjM666OY7LZZtP3-Tl8WVWkUl4MaAi_TEALw_wcB>. Acesso em: 11 de mar. 2023.

COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino da literatura.** São Paulo: Contexto, 2021b. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Paradigmas-ensino-Literatura-Rildo-Cosson/dp/6555410078/ref=sr_1_1?adgrpid=113912574664&gclid=Cj0KCQjw2cWgBhDYARIsALggUhoH3sXp df 2 __ m C H 4 l I f - m E r o n _ r O U y H X r f y P m W s - p _ h 5 K _ A U M a 4 - c s E a - A i k m E A L w _ w c B & h v a d i d = 4 5 7 9 2 6 3 4 9 4 3 4 & h v d e v = c & h v l o c p h y = 1 0 0 1 5 6 6 & h v ->

netw=g&hvqmt=b&hvrnd=17080758103820623174&hv-
t a r g i d = k w d - 1 0 4 3 4 0 0 1 8 0 6 0 7 & h y d a d -
cr=5686_11235279&keywords=paradigmas+do+en-
sino+da+literatura&qid=1678885281&sr=8-1>.
Acesso em: 11 de mar. 2023.

DANIELS, Harvey. **Literature circles**: Voice and choice in Books Clubs and Reading Groups. Portland, Maine: Stenhouse Publishers, 2002.

DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013, p. 67-97. Disponível em: < https://www.amazon.com.br/Leitura-literatura-escola-Estrat%C3%A9gias-ensino-ebook/dp/B08NTSG55W/ref=tmm_kin_swatch_0?_encoding=UTF8&qid=1663938224&sr=1-1>. Acesso em: 11 de mar. 2023.

DANTAS, Goimar. **A arte de criar leitores**: reflexões e dicas para uma mediação eficaz. São Paulo: Senac, 2021.

DURÃO, Fábio Akcelrud; CECHINEL, André. **Ensi-
nando literatura**: a sala de aula como acontecimen-
to. São Paulo: Parábola, 2022. Disponível em: < <https://>

[/www.amazon.com.br/Ensinando-literatura-sala-aula-acontecimento/dp/8579342619](http://www.amazon.com.br/Ensinando-literatura-sala-aula-acontecimento/dp/8579342619)>. Acesso em: 11 de mar. 2023.

DUARTE, João Ferreira: **Cânone**. In Carlos Ceia. **E-Dicionário de Termos Literários**. 2009. Disponível em: <<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/canone>>. Acesso em: 21 jan. 2023.

FELTRIN, Tatiana. [CONTO] O Espelho (Machado de Assis). **Ligando livros às pessoas**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=i4nmTp7-wxA>>. Acesso em: 22 jan. 2023.

FRANCO, Raquel Aparecida Soares Reis. **Práticas de Escrita em um Contexto de Formação Continuada: um estudo etnográfico do curso de especialização Linguagem e Tecnologia**. 2015, 229f. Tese (Doutorado em Educação Tecnológica) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado das Letras, 2014.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: leitores e leitura**. São Paulo: Moderna, 2001

LIGOSKI, Priscila. **Imagens no Espelho: Machado de Assis, Guimarães Rosa e José J. Veiga**. Estação Literária, v. 8B, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs). **Gêneros textuais & ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 19-38.

MOEN, Christine Boardman. **Literature circle role sheets**. Teaching & Learning Company. 2004.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. **Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola**. In: ZILBERMAN, R.; ROSING, T. M. K. (Org.). Escola e Leitura: velhas crises, novas alternativas. São Paulo: Global, 2014.

PARRINE, Raquel. **Aspectos de Teoria do Conto em Machado de Assis**. Eutomia (Recife), v. 2, 2009.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Tradução de

Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PIGLIA, Ricardo. **Formas breves**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 87-114.

RAMOS, Marise Nogueira. Concepção do ensino médio integrado. In: **Seminário Sobre Ensino Médio, 2008**. Secretaria de Educação do Pará. 08-09 maio 2008. Disponível em: <http://forumeja.org.br/go/sites/forumeja.org.br.go/files/concepcao_do_ensino_medio_integrado5.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2021.

SÃO PAULO, Governo do Estado de. Currículo em ação. Caderno do(a) gestor(a). **Clube juvenil**. [202?]. Disponível em: <<https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/wp-content/uploads/2021/03/Clube-Juvenil-Caderno-do-Estudiante.pdf>>. Acesso em 12 mar. 2023.

SARAIVA, Juracy Assmann. **Estrutura composicional de contos de Machado de Assis: convite à reflexão do leitor**. Signo, 35(58), 199-216. 2010.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. Campinas: Autores Associados, 2011.

SILVA, Ivanda Maria Martins. **Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar.** Anais do Evento PG Letras 30 anos. Vol. I (1): 514-527. Disponível em: <<https://pibidespanholuefs.files.wordpress.com/2015/07/texto-para-o-encontro-de-amanhc3a3.pdf>>. Acesso em: 02 dez. 2022.

SILVA, Solimar. **Práticas de leitura: 150 ideias para despertar o interesse dos alunos.** Petrópolis: Rio de Janeiro, 2022.

SOARES, Magda. Concepções de linguagem e ensino de língua portuguesa. In: BARBOSA. N. B. (org.). **Língua Portuguesa: História, perspectiva, ensino.** São Paulo: Educ, 1998. p.53-60.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** 3^a ed. 7^a reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Letramento-Um-tema-tr%C3%AAAs-g%C3%AAAneros/dp/8586583162/ref=sr_1_1?adgrpid=129790456793&gclid=Cj0KCQjw2cWgBhDYARIsALggUhrFWDMuaZ6xPliu_GUD4wtLW-PUo8gJF_-cE4l-nYlBehq7NX5egrmIaAk1OE-ALw_wcB&hvadid=595903106852&hvdev=c&hv-l o c p h y = 1 0 0 1 5 6 6 & h v ->

netw=g&hvqmt=b&hvrnd=3972407408709090303&hv-targrid=kwid-526259372112&hydad-cr=1331_13490443&keywords=letramento+magda+soares&qid=1678887540&sr=8-1>. Acesso em: 11 de mar. 2023.

STREET, Brian. **Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento**. Trabalho apresentado durante a Teleconferência Unesco Brasil sobre “Letramento e Diversidade”, outubro de 2003. Disponível em: <<https://pdfcoffee.com/qdownload/abordagens-alternativas-ao-letramento-e-ao-desenvolvimento-pdf-free.html>>. Acesso em: dez/2022.

STREET, Brian. **Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas**. In.: MARINHO, Marildes.; CARVALHO, Gilcinei. Teodoro. (Orgs.). *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: Editoria UFMG, 2010, p. 33-53.

STREET, Brian. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2021. Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/Letramentos-Abordagens-Letramento-Desenvolvimento-Etnografia/>

dp/8579340780/ref=sr_1_1?adgr-pid=80157681006&gclid=CjoKCQjw2cWgBhDYARISALggUho9vUiF-__nL2iJis6SwGR3XD-sEShcXn1P1AC37Uoj2dsqTKy6MxSmYaAlAzE-ALw_wcB&hvadid=595818707737&hvdev=c&hvl o c p h y = 1 0 0 1 5 6 6 & h v n e t w = g & h v q m - t = e & h v r a n d = 1 3 6 6 1 2 3 7 3 3 2 8 2 2 8 2 0 7 7 6 & h v t a r - g i d = k w d - 4 8 6 8 6 9 5 4 8 7 6 2 & h y d a d - c r = 2 9 3 1 0 _ 1 4 5 9 3 9 3 6 & k e y w o r d s = l e t r a m e n t o s + s o - c i a i s & q i d = 1 6 7 8 8 8 7 6 8 2 & s = b o o k s & s r = 1 - 1 > . Acesso em: 11 de mar. 2023.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2010.

ZILBERMAN, Regina. A escola e a leitura da literatura. In: ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tania M. K. (Org.). **Escola e Leitura: velhas crises, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2014. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Escola-Leitura-Velha-Crise-Alternativas/dp/8526013424/ref=asc_df_8526013424/?tag=googleshopp00-20-&linkCode=df0&hvadid=379773314816&hvpos=&hvnetw=g&hvrnd=11911961309898301303&hvpo=

ne=&hvptwo=&hvqmt=&hvdev=c&hvdvcmdl=&hv-
locint=1001773&hvlocphy=1001566&hvtargid=pla-
812225400423&psc=1>. Acesso em: 11 de mar. 2023.

SOBRE AS AUTORAS



IVONE ROSA FERREIRA DE SÁ



É pedagoga no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) e professora na rede municipal de Ipatinga- MG. Graduada em Letras e em Pedagogia. Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG). Tem experiência em sala de aula, coordenação pedagógica, assessoria pedagógica e formação de professores.

RAQUEL APARECIDA SOARES REIS FRANCO



É professora do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG). Graduada em Letras e em Pedagogia. Possui mestrado em Educação Tecnológica pelo CEFET-MG e doutorado em Educação pela linha de pesquisa Educação e Linguagem da Faculdade de Educação da UFMG. Tem experiência na área de educação e linguagem, atuando principalmente nos seguintes temas: letramento acadêmico, ensino de língua portuguesa, formação de professores e educação técnica e tecnológica.



Círculos de leitura:
uma estratégia para a
formação do leitor
literário

Ivone Rosa Ferreira de Sá
Raquel Aparecida Soares Reis Franco